

As perspectivas políticas

» SACHA CALMON

Advogado, coordenador da especialização em direito tributário das Faculdades Milton Campos, ex-professor titular da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), presidente da Associação Brasileira de Direito Financeiro (ABDF) no Rio de Janeiro

Procura-se disseminar na mídia “o já ganhou”. Uma candidata sem empatia política é favorita e, dizem alguns, imbatível a oito meses das eleições. A mídia não é investigativa nem analítica. Cria-se o fato, ela noticia. Não viram o caso do Eike? Virou milionário genial da noite para o dia. Agora se deu mal. Se, desde o início, a crônica econômica procedesse a um exame crítico adequado, prejuízos teriam sido evitados aos acionistas particulares e ao governo (R\$ 5 bilhões à conta do BNDS e fundos de pensão das empresas estatais), prejudicando os contribuintes e pensionistas.

O mesmo se deve fazer com os governos, a bem dos cidadãos, todos interessados no sucesso do Estado e da sociedade em que vivem. Ao cabo, precisam viver o presente e aspiram a futuro melhor para os familiares e pósteros, daí a importância da política e dos mecanismos democráticos da República.

É vezo confundir o grau de aprovação de Dilma com o favoritismo. Os analistas precisam integrar os indicativos das pesquisas, supondo-as bem-intencionadas, o que nem sempre é verdade. Vamos aos fatos: a) 60% dos entrevistados querem “mudança”; b) o número de indecisos (não sabem), nulos e brancos tem oscilado de 27% a 30% dos pesquisados. Estará aí a classe média A, B e C, parte delas, que foram às ruas em meados do ano passado? (Protestaram contra a má qualidade dos serviços públicos em que pese a absurda tributação e condenaram o desgoverno e a corrupção).

Esses então serão os descrentes da política, os que não se sentem representados nem mesmo pela oposição? No meu entendimento, são e estão à espera de quem galvanize suas aspirações legítimas. Essa é a parcela mais consciente da nação. Parte dela crava sua desaprovção ao governo, julgando-o ruim ou péssimo. Esses e os que votam “não saber”, nulo e branco somam 35% do eleitorado. Eles decidirão as eleições.



A descrença é firme, não há como negar; c) 62 milhões de pessoas das classes C, D e E estão abrangidas pelos programas sociais do governo (Prouni, Minha Casa, Minha Vida, auxílios desemprego e reclusão e o Bolsa Família). Habitantes das periferias e grotões do interior, esses e seus familiares, engrossam “coronelizados” pelo Estado, a aprovação do governo como ótimo ou bom, sem que isso signifique voto certo. Formam a base dos 40% que o PT considera seu eleitorado após 11 anos no comando da nação; d) em 2014, mais um aumento indexado do salário mínimo acima da produtividade, o arrocho fiscal, a diminuição progressiva dos postos de trabalho, os gastos governamentais, a liberação dos preços administrados sob pena de colapso gerarão aumento inevitável da inflação a inibir o crescimento do Brasil.

A reeleição de uma governante sem carreira política, aliada da escória política que a trata ora com sarcasmo, ora com bajulação (o tal presidencialismo de coalizão), forma um quadro que não a favorece. Mas até agora, e talvez não seja mesmo a hora, os líderes opo-

sicionistas estão longe de galvanizar o povo com discurso honesto e claro.

Em 2002, o empresariado nacional e estrangeiro estava apavorado com a ascensão de Lula. O PIB afundou. A Carta aos Brasileiros colocou o PT nos trilhos do PSDB. Pallocci parecia FHC. Hoje o risco não vem da oposição, mas da situação. Ninguém acredita em Dilma ou Mantega. Ela vai continuar, como a Argentina, estatizante e intervencionista ou no rumo da economia de mercado? Não sem razão revista nacional de grande circulação fez semana passada extensa reportagem sobre o Brasil da periferia, ou seja, os quase 142 milhões que vivem nos subúrbios das grandes cidades.

A maioria impressionante de 82% dessa população está preocupada em ascender socialmente e credita ao próprio esforço, não às políticas do governo, a melhoria do nível do bem-estar pessoal e familiar dos últimos anos. Não apenas invejam como querem se identificar economicamente com as classes ricas. Nesse contexto, a luta de classes criotocumunista do PT deixa de funcionar e o seu paternalismo pouco influencia mormente os jovens. Discurso novo há de ser providenciado e não rima com cuidar dos pobrezinhos, mas de cooptá-los para uma economia de oportunidades e melhoria dos serviços públicos.

A política estatizante ou o dirigismo estatal não deu nem dará certo em nenhum lugar do mundo. O socialismo foi-se. Coreia e Cuba são dois desastres. A Rússia atrasou-se 50 anos. Argentina e Venezuela estão em crise. A China quer ser capitalista cada vez mais. Escutemos Aécio e Eduardo, gente nova e orientada. Quanto mais o Estado se afaste da cena econômica, melhor. Seu papel é planejar, incentivar, regular, vigiar, buscar a coordenação política e econômica da nação. Nossos paradigmas devem ser as nações do continente europeu ocidental, cuja cultura condiz com a nossa, já que não podemos ser economicamente como os EUA, o melhor modelo de livre iniciativa, por causas históricas e sociológicas.

A pesquisa pública e a Era Big Data

» MAURÍCIO ANTÔNIO LOPES

Presidente da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa)

Novo sistema de Protocolo de Internet (IPv6), criado há dois anos, nos colocou de vez na era do Big Data. Big Data é essa possibilidade de gerar, medir, coletar e armazenar assombrosas quantidades de dados e informações, a partir de nossas avaliações e escolhas, e usá-los para fazer mais escolhas. Agora é possível dar um número de inscrição individual na internet para todo e qualquer objeto, produto de consumo, animal ou propriedade e plugá-lo na web.

É a internet das coisas. Tudo — geladeiras, carros, computadores, smartphones, tablets, câmeras, sensores e muito mais — terá vida na internet, podendo ser identificado, localizado, monitorado, acionado ou desligado por comando remoto. Pela avalanche de dados obtidos, será possível inferir padrões de comportamento e de consumo e ajustar o design e a logística de entrega de produtos e serviços para cada indivíduo, com enormes ganhos de eficiência operacional e econômica. Em suma: amplia-se de forma monumental a capacidade de se lidar com dados, que são a matéria-prima do conhecimento.

No Brasil, o Big Data já está nas cidades. Sensores e câmeras indicam alterações na engenharia de trânsito para reduzir acidentes, ações da defesa civil para prevenir fatalidades, ou mesmo indivíduos com atitudes suspeitas, a partir do cruzamento de dados de fichas criminais e boletins de ocorrências. Sensores e pluviômetros estão sendo instalados em torres de telefonia celular para alertar sobre inundações e quedas de barreiras.

Na agricultura, imagens captadas por um

Vant (veículo aéreo não tripulado) em breve indicarão que parcela da lavoura precisa de irrigação, de reforço na adubação ou pode ser colhida. Imagem de lesões em plantas ou frutos, colhida por um tablet e comparada a padrões armazenados, medirá a intensidade do ataque de praga ou doença e indicará o controle adequado.

O conceito Big Data está famoso agora, mas está entre nós há décadas. Começou na pesquisa pública, em temas muito distantes das pessoas, como a astronomia, os radiotelescópios, a corrida espacial, os satélites e as sondas espaciais.

É assim que as revoluções tecnológicas acontecem. Normalmente é preciso que o setor público, feito uma locomotiva limpa-trilhos, abra caminhos, fazendo os investimentos mais pesados, sem retorno direto e imediato, para que a iniciativa privada multiplique e distribua os benefícios de novos conhecimentos. Foi assim com a internet. O que era rede de computadores militares passou à rede de organizações científicas e se tornou a rede mundial de smartphones pessoais.

Tem sido assim na agricultura brasileira. Nos anos 1980, cientistas dos institutos de pesquisas espaciais (Inpe) e de meteorologia (Inmet) correlacionaram milhões de dados de imagens de satélites e medições de estações meteorológicas para melhorar a precisão da previsão do tempo. Deram ao Brasil um dos 10 melhores serviços de meteorologia do mundo.

A partir de 1984, a eles se juntaram pesquisadores do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), da Empresa

Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), da Agência das Águas e dos institutos estaduais de pesquisa para avaliar riscos climáticos na agricultura. Milhões de dados sobre chuva, vento, calor, frio, solo, vegetação e aptidão agrícola, coletados diariamente em 4.200 estações e correlacionados, dizem aos produtores o que plantar e quando plantar, para minimizar os efeitos adversos do clima. Menos perdas de safra, menos dispêndios com o seguro agrícola.

Depois veio o geoprocessamento. Passamos a integrar dados das imagens de satélite com dados cartográficos para monitorar queimadas, desmatamentos e o uso do solo. Só o setor público sabia fazê-lo. Então, o governo investiu na formação de mão de obra e no uso dessa técnica em políticas públicas. Semeou, assim, um negócio privado de R\$ 5 bilhões anuais, com mais de 300 empresas.

Por tudo isso é que a revolução Big Data hoje se incorpora ao nosso dia a dia. Daqui para o futuro, o setor privado vai usar o Big Data para multiplicar nosso acesso a serviços e bens de consumo. O setor público vai usá-lo para suporte à formulação, melhoria e implementação de políticas públicas em áreas sensíveis, tais como medicina, saúde pública, produção de alimentos e meio ambiente.

Não há como dizer tudo que será possível fazer. A certeza é que a Era Big Data chegou para ficar — e seu potencial é nada menos que revolucionário. Cabe-nos trabalhar para que os benefícios dessa poderosa revolução se distribuam por toda a sociedade.



ARI CUNHA

DESDE 1960

VISTO, LIDO E OUVIDO

aricunha@dabr.com.br
com Circe Cunha // circecunha.dfgabr.com.br

Sinais vitais verificados

Certamente o governo petista sofreu com a perda da CPMF. Mas soube fazer a manobra necessária para continuar os investimentos e outros gastos habituais. Quem não sentiu a menor diferença na suspensão da cobrança foram os usuários do sistema público de saúde. As filas continuam as mesmas, e os marajás de branco continuam no reino da fantasia, sem que haja controle de presença. Falta material, sobram equipamentos caros, sem gente capacitada para o manuseio. Não há gestão, estrutura, respeito, responsabilidade. A saúde do país continua em posição catatônica. Dr. Jatene teve boa intenção. A solução estava certa. Se houvesse mesmo transparência na aplicação dos recursos da CPMF e o uso efetivo da rubrica para melhorar a saúde da população brasileira, teria dado certo. A sociedade não se revoltou. Depositou, mesmo que timidamente, uma esperança de que havia boa-fé na intenção do governo. Nenhuma proposta desse porte teria o mesmo alcance social. Os ricos pagando para melhorar a vida dos pobres, sem reclamar. Pagando diretamente da conta bancária, com a possibilidade de calcular a própria parte da contribuição no contexto econômico e social. Mas o esperado não foi o que aconteceu. A resignação do povo, mais uma vez enganado, ficou represada. Pacientes morrendo nas filas, macas amontoadas nos corredores com gente gemendo por todos os lados. Os médicos que encaram o trabalho fazem o serviço das dezenas de outros gazeteiros que faltam ao trabalho por falta de motivação ou de gestão. Medicamentos essenciais longe das prateleiras, burocracia insana para acesso aos remédios de alto custo, despreparo total no atendimento a pacientes com suspeita de dengue, postos de saúde bonitinhos, mas sem atendimento que satisfaça à enorme demanda. A situação dos hospitais universitários é de estarecer. Móveis enferrujados, infiltrações, nenhum empresário aparece como patrocinador de alguma ala, como é feito em vários países. Os cuidados que deixam de ser dados elevam as setas nas planilhas da economia. Mesmo assim, a saúde dos números começa a apresentar sinais de febre.

»» A frase que foi pronunciada:

“Pardal que acompanha João de Barro vira servente de pedreiro.”

Jonas Roiek, caminhoneiro paranaense.

Conhecimento

» São muitos os detalhes para o descarte de lixo reciclado. Não há orientação sobre o assunto nem para a população, muito menos para os que recolhem o lixo. Uma pesquisa realizada pela Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais mostrou que 88% dos entrevistados se dispõem a colaborar com a coleta seletiva de resíduos sólidos, mas reconhecem também que não têm conhecimento sobre a maneira correta de agir.

Solução

» Mais um fora da lei amarrado enquanto a vítima esperava a presença da polícia. A legislação não prevê essa situação. Dessa vez, o caso aconteceu em Ceilândia. As ocorrências mostram que, além do desespero, é o instinto de

sobrevivência que vale nessa hora.

Gol

» Não é problema da Justiça, e sim da legislação. O crime culposo, quando não há intenção de matar, é apenado com quatro anos de reclusão. Os pilotos Joseph Lepore e Jan Paul Paladino foram condenados, mesmo não querendo matar 154 pessoas. Este ano o assunto vai voltar.

Generais

» Hitler e Napoleão foram vencidos pelo general inverno. No Brasil, a população começa a sentir os efeitos do general verão. A onda de calor eleva a sensação térmica a até 50°C na Região Sudeste. Idosos e crianças são as maiores vítimas da mudança climática. Projeções mostram que o ser humano tende a migrar cada vez mais para próximo ao Ártico.

»» História de Brasília

Um cobrador dos Transportes Coletivos de Brasília, como estivesse com outros afazeres para cumprir durante o dia, pôs o irmão menor no ônibus, ensinou como devia fazer, e foi ocupar-se de outras atividades. (Publicado em 9/7/1961)

